



# MACABÉA

REVISTA ELETRÔNICA DO NETLLI  
ISSN 2316-1663

VOLUME 9, NÚMERO 4 | OUT-DEZ 2020

## O SUJEITO NAS REDES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DA AUTORIA



## THE SUBJECT IN SOCIAL NETWORKS: A DISCURSIVE ANALYSIS OF AUTHORSHIP

MIGUEL SANCHES TEIXEIRA  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, BRASIL

ELIANE RIGHI DE ANDRADE  
PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS, BRASIL

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS  
AUTORES

RECEBIDO EM 17/07/2020 • APROVADO EM 12/09/2020

---

### Abstract

---

The article below presents a research carried out in the theoretical field of discourse studies and aims to understand and discuss the positions of the discursive subject in contemporary times, focusing on their ways of exercising an authorship in the digital environment, according to the technological possibilities of creating and sharing content on Facebook. This interpretative-qualitative analysis showed that the appropriation of texts, especially those that consecrate their authors, is a central part of the processes of creation and dissemination in the digital environment. Thus, it is highlighted that, when the name of an author is "presented", it can attribute greater or lesser relevance to digital posts, which is one of the elements that benefit or not the circulation of texts in social networks. Therefore, authorship in these digital environments

involves always a broad and complex process, which is directly related to the subject's modes of interactivity with the new production technologies, which transform and are transformed by him, in constant (des)construction.

---

## Resumo

---

O artigo a seguir apresenta uma pesquisa realizada no campo teórico dos estudos do discurso e tem como objetivo compreender e discutir as posições do sujeito discursivo na contemporaneidade, com enfoque nas suas formas de exercer uma autoria no meio digital, de acordo com as possibilidades tecnológicas de criação e compartilhamento de conteúdo no Facebook. A partir da análise de caráter interpretativo-qualitativo, é possível notar que a apropriação de textos, principalmente daqueles que consagram seus autores, é parte central dos processos de criação e divulgação no meio digital. Dessa forma, destaca-se que, quando “mostrado”, o nome de um autor pode atribuir maior ou menor relevância a postagens digitais, o que, numa rede social, é um dos elementos que favorecem ou não a disseminação de textos. Assim, a autoria nas redes sociais se dá a partir de um processo sempre amplo e complexo, que se relaciona diretamente aos modos de interatividade do sujeito com as novas tecnologias de produção, as quais o transformam e são transformadas por ele, em constante (des)construção.

---

## Entradas para indexação

---

**KEYWORDS:** Discourse studies. Authorship. Social networks. Subject.

**PALAVRAS-CHAVE:** Estudos do discurso. Autoria. Redes sociais. Sujeito.

---

## Texto integral

---

## INTRODUÇÃO

A partir de uma perspectiva histórica, é notável que o conceito de autoria tenha sido abordado por estudiosos de diversas áreas do conhecimento, mas o tema ainda se mostra recorrente e as questões que o envolvem ressurgem de acordo com as novas possibilidades de manifestação da linguagem, principalmente na esfera digital.

Como um marco inicial, a noção de autoria foi radicalmente questionada no campo da crítica literária, em 1967, por Roland Barthes, a partir da publicação do ensaio *A morte do autor*, o qual apresenta a teoria de que o texto não precisa de um autor, já que “dar um Autor a um texto é impor a esse texto um mecanismo de segurança, é dotá-lo de um significado último, é fechar a escrita.” (BARTHES, 2012, p.63).

Em 1969, Michel Foucault resgata essa questão na conferência publicada e intitulada *O que é um autor?* e apresenta argumentos sobre os paradigmas que impedem o desaparecimento total da figura do autor, como a opacidade na definição do que é uma obra; a noção de escrita, que tem sua origem marcada pelo sujeito; as implicações legais do nome de um autor; e a posição discursiva que o sujeito ocupa

no exercício da função-autor, que “não é definida pela atribuição espontânea de um discurso ao seu produtor, mas por uma série de operações específicas e complexas” (FOUCAULT, 2001, 279).

Pelo aprofundamento do tema, o historiador Roger Chartier fez uma retomada crítico-construtiva à conferência de Foucault, também sugerindo que a função autor classifica os discursos e é fundadora da noção de obra, no sentido de caracterizar “certo modo de existência comum de alguns discursos que são atribuídos a um único lugar de expressão” (CHARTIER, 2012, p.29).

Entre tantas revisões e releituras de *O que é um autor?*, teóricos como George Landow e Lev Manovich conduziram ainda a discussão, cada qual à sua maneira, para uma perspectiva sobre autoria que se articulasse aos dispositivos para produção textual imersos nas novas tecnologias digitais. Para Manovich (2004, p.249), “a nova cultura de mídia traz consigo uma variedade de modelos novos de autoria que compreendem formas diversas de colaboração”, enquanto Landow (2006, p.125) sugere que as funções de autor e leitor são profundamente complexas e estão cada vez mais interligadas.

Assim, se na era do texto exclusivamente impresso a figura do autor já era uma questão intrigante, um estudo sobre os processos de autoria no digital também se mostra necessário, pois é com o uso das novas tecnologias que o sujeito passa a se constituir e produzir através de redes cada vez mais amplas e complexas, processos esses que devem ser analisados.

Dito isso, essa pesquisa tem por objetivo realizar uma análise de manifestações discursivas do sujeito contemporâneo em algumas das formas de exercer a autoria nas redes sociais. O *corpus* foi organizado em eixos temáticos e abrangeu publicações da rede social Facebook, as quais delineiam a apropriação de textos e autorias outras para a produção e o compartilhamento no digital.

Portanto, essa é uma pesquisa de cunho interpretativo realizada no campo dos estudos do discurso em geral e, mais especificamente, da Análise do Discurso, o que pressupõe a compreensão de conceitos, teorias e procedimentos que constituem essa área.

## **EM BUSCA DE REGULARIDADES DISCURSIVAS: PERCURSOS METODOLÓGICOS**

Segundo Gregolin (2006 p.34), uma análise discursiva deve considerar a articulação entre linguagem e história para “descrever e interpretar os efeitos de sentido produzidos pela materialidade discursiva, sua circulação através de práticas, seu controle por princípios relacionados ao poder”. Da mesma forma, Pêcheux (2008, p.17) afirma que as manifestações discursivas se formam por uma heterogeneidade constitutiva que se dá no encontro entre atualidade e memória, o qual resulta no acontecimento discursivo. Esse fenômeno histórico-linguístico, como desdobramento reativo, está relacionado ao conceito de interdiscurso, incorporado aos estudos do discurso para designar “o exterior específico” de uma formação discursiva (PÊCHEUX, 1997, p.314).

Para Sargentini (2006, p.40), o interdiscurso ainda pode ser definido como “um espaço discursivo e ideológico onde se desenvolvem as formações discursivas

em função das relações de dominação, de subordinação e de contradição”. Segundo Foucault (2008, p.35), a formação discursiva se caracteriza por regularidades em sistemas de dispersão, o que estabelece e organiza a heterogeneidade de temas, objetos, conceitos e tipos de enunciados no discurso. Sendo assim, as memórias discursivas (interdiscurso) provocam uma tensão constante entre os discursos possíveis ou já produzidos pelo sujeito para a definição do que pode ser dito e a tentativa de prever seus efeitos de sentido.

A pesquisa que deu origem a esse artigo<sup>1</sup> teve caráter qualitativo e empreendeu uma análise sobre o *corpus* constituído de um conjunto de recortes discursivos que compreendem a materialidade linguística (verbal e não verbal) na qual se destacam as posições que o sujeito ocupa no discurso, principalmente na função de autor, dentro das redes sociais e no meio digital como um todo. Sendo assim, a proposta da pesquisa também foi desconstruir a concepção de autor como origem de textos e de seus significados, ao considerar a heterogeneidade nos discursos que, segundo Authier Revuz (2004, p.11), revela-se a partir de formas constitutivas ou explícitas da presença da “voz” do outro.

Para isso, três eixos temáticos foram estabelecidos a partir de regularidades observadas no contexto da rede social Facebook, no que diz respeito às possibilidades de se colocar ou não em destaque a autoria sobre um texto específico, bem como a utilização de nomes e figuras de autores reconhecidos para criação de memes com finalidade humorística.

Os recortes discursivos, selecionados exclusivamente pela temática, foram feitos acerca de postagens cujos conteúdos remetem às esferas discursivas da literatura e da ciência, observando-se se a função que o sujeito exerce como autor nesse espaço enunciativo é adaptável ou constante. Segundo Foucault (2001, p.275), assim como um quiasma, um fenômeno se desenvolveu entre os séculos XVII e XVIII e fez com que textos literários passassem a ser aceitos e garantidos apenas por um nome relevante na ordem do discurso vigente, ou seja, pelo *status* de sua função-autor, enquanto, “desde o século XVII, esta função não cessou de se enfraquecer, no discurso científico” (FOUCAULT, 1999, p.27). Sendo assim, coube a essa pesquisa discutir como a representação do autor se configura mais especificamente na popularização do discurso científico e, principalmente, do literário, dentro das possibilidades de produção e reprodução de textos no meio digital, a partir de publicações na rede social Facebook.

Inicialmente, a seleção do material para análise foi realizada através das ferramentas de busca do Google e do próprio Facebook, onde foram pesquisadas palavras-chave como “citações literárias”, “memes da ciência”, “literatura”, “frases da ciência” e “autoria”, delimitadas no período entre junho de 2015 e dezembro de 2019, pois havia referências em fontes sobre postagens desse período. Durante esse processo, uma página do Facebook, chamada “Afinal, quem é o autor?”, foi encontrada e utilizada como base para a localização de postagens que marcam uma autoria outra sobre textos anteriormente escritos por autores renomados, o que acabou por auxiliar na construção do que se transformou no eixo temático “Textos marcados por autorias múltiplas e (in)visíveis”. O acesso a comunidades, fóruns e blogs também orientou a construção desse eixo, levando em conta as posições

---

<sup>1</sup> Destacamos para esse artigo os resultados da análise de alguns recortes que fizeram parte da pesquisa desenvolvida no Programa de Iniciação Científica da PUC-Campinas, que teve o apoio do CNPq.

discursivas do sujeito como produtor e reproduzidor de conteúdo online, além das redes sociais, o que justifica a inserção de dois recortes (7 e 8) do site *O Pensador*, que também circulam no Facebook através do compartilhamento entre esses espaços discursivos.

Segundo Foucault (2001, p.287), “pode-se imaginar uma cultura em que os discursos circulassem e fossem aceitos sem que a função autor jamais aparecesse”. Para analisar essa possível ausência de autoria nos discursos da rede social, a página “Uma dose de caos” foi selecionada no Facebook como fonte dos recortes discursivos que constituíram o eixo temático “A circulação de textos sem autoria mostrada”, visto que as postagens da página apresentam certa regularidade quanto ao compartilhamento de textos literários sem destaque a seus autores.

O eixo temático “Produção de memes a partir de uma autoria renomada” foi idealizado a partir da relevância e quantidade crescente de memes que circulam nas redes sociais, visto que, seja como expressão opinativa ou como forma de entretenimento, a produção de memes se caracteriza principalmente pela utilização de elementos já existentes, o que inclui a apropriação de textos e autores como referenciais de significação.

## ANÁLISE DOS RECORTES DISCURSIVOS: A REGULARIDADE EM EIXOS TEMÁTICOS

### 1. Produção de memes a partir de uma autoria renomada

#### Recorte 1



Figura 1: <[https://www.facebook.com/ArtesDepressao/photos/grandef%C3%ADsicacontemp\\_or%C3%A2neav\\_ia-filosofia-moderna/1347457348717026/](https://www.facebook.com/ArtesDepressao/photos/grandef%C3%ADsicacontemp_or%C3%A2neav_ia-filosofia-moderna/1347457348717026/)> Acesso em 03/12/2019.

A postagem foi compartilhada por uma página que corresponde ao nome “Artes Depressão” e tem por legenda a frase “Grande física contemporânea, via Filosofia Moderna”. Como indicado na própria publicação, o conteúdo foi retirado de outra página, o que já explicita como as funções do sujeito e suas posições no fio discursivo do meio digital podem ser permutáveis. Segundo Landow (2006, p.125), a produção no digital se caracteriza por essa transformação de leitores em autores quando convida os usuários a adicionarem links e textos ao que já foi publicado.

O meme que foi trazido para essa análise é constituído basicamente por frases sobrepostas a uma imagem de Isaac Newton (1643 – 1727), numa disposição que simula um diálogo entre o físico e um sujeito que se manifesta na primeira pessoa do plural através da flexão do verbo “poder” (*podemos*). A imagem de Newton ainda foi visivelmente modificada na região da boca, o que sugere que ele talvez estivesse se comunicando verbalmente.

Para Kobel e Lankshear (2007, p.202), o meme é um fenômeno online que deu origem a um gênero digital bastante amplo e recorrente a partir da leitura e propagação rápida de textos escritos, imagens ou qualquer outra produção cultural. Esse processo de criação, que se caracteriza pela reunião, sobreposição ou edição de diferentes textos, verbais ou não, é denominado por alguns teóricos como remixagem (MANOVICH, 2004). Na cultura do digital, a remixagem tem se tornado cada vez mais comum, principalmente na criação de memes, visto que, nesse processo, a manipulação de textos não possui limitações quando feita dentro das possibilidades digitais de produção.

No meme em análise (Figura 1), o texto escrito sobre a imagem demonstra um processo de criação colaborativa a partir de uma reformulação sugerida da frase “se me atacar, eu vou atacar” para “toda ação tem uma reação”. A frase popular que inicia o diálogo parece ser marcada pelo envolvimento emocional do enunciador ao ponto de ser insinuado um desdobraimento reativo e agressivo num possível ato de fala (*se me atacar, eu vou atacar*), enquanto a escolha lexical para sua reformulação, que resulta na apresentação da já conhecida Terceira Lei de Newton nos ambientes acadêmicos (*toda ação tem uma reação*), é marcada pelo discurso mais restrito ao mundo científico, já que circula como parte teórica da física. Esse movimento fictício de diálogo entre um discurso mais acadêmico e um popular sugere uma interdiscursividade, revelando uma aproximação do discurso das ciências – especificamente da física quântica – com o falar cotidiano, resultando em um possível efeito cômico.

Tal comicidade também é fruto do reconhecimento de alguns elementos composicionais do meme. Em geral, os efeitos de sentido ocorrem de acordo com os enunciados já produzidos que se relacionam num espaço discursivo e ideológico chamado interdiscurso, onde as formações discursivas se desenvolvem e constituem uma memória. O encontro dessa memória com uma materialidade linguística se realiza no intradiscurso, resultando num acontecimento singular, mas que só é possível a partir dos efeitos de sentido produzidos anteriormente (PÊCHEUX, 2008, p.19). Portanto, o meme em análise, incluindo sua comicidade, depende de uma memória, em nível discursivo, sobre o trabalho de Isaac Newton como cientista e até mesmo da sua fisionomia, visto que sua imagem é utilizada como parte elementar nesse processo de significação.

Em geral, uma das principais características do meme é a sua disseminação no digital e, como um produto da remixagem, ele possui um grau de fertilidade. De acordo com Knobel e Lankshear (2008, p.26), uma publicação pode ser considerada fértil a partir de duas medidas: (1) pela sua quantidade de acessos e, conseqüentemente, (2) pela sobrevivência daquele conteúdo em remixagens posteriores, ou seja, conforme sua longevidade. Até o dia 3 de dezembro de 2019, a postagem extraída da página “Artes Depressão” teve 3.300 reações, 193 comentários e 949 compartilhamentos.

Esses números mostram que a publicação teve considerável alcance na rede social Facebook, o que demonstra sua fertilidade no primeiro nível. Visto que esse meme também é definido por uma regularidade, revela-se, assim, sua fertilidade no segundo nível, pois seu desenvolvimento criativo ocorre a partir de um modelo de composição pré-estabelecido, replicado em outras publicações e páginas, como é possível notar ao comparar a semelhança de seus elementos aos do recorte 2, que aparecem na figura abaixo.



**Figura 2:** <<https://www.facebook.com/Escrevaai/photos/a.150152758740580/151509201938269/?type=3&theater>> Acesso em 03/12/2019.

Essa publicação foi feita por uma página chamada “Escreve aí”, cujo conteúdo compartilhado se refere à (re)produção de remixagens utilizando as regularidades de um meme específico, tanto que o nome da página faz uma referência direta a um dos elementos que caracterizam essa produção: o imperativo informal “*escreve aí*” –

essa forma pode variar para “*escreva aí*” ou “*então coloca*” – que sempre precede uma citação explícita, à sua maneira, do autor abordado no meme.

A publicação em análise apresenta um texto escrito que, sobre a imagem de Luís de Camões (1524 – 1580), também simula um diálogo, mas, nesse caso, entre o poeta português e um sujeito que, de novo, se manifesta na primeira pessoa do plural através da flexão do verbo “poder”. Como conclusão desse diálogo (*o amor é um contentamento descontente*), ocorre uma citação do poema *Amor é fogo que arde sem se ver*, de Camões. A característica principal desse soneto é a utilização de antíteses para definir o amor, o que marca, ao longo do poema, a dualidade e a ambiguidade do eu lírico. A mesma reação paradoxal sobre esse sentimento ocorre no início do diálogo forjado do meme (*Só tem tu? É...fico com tu mesmo*), quando o poeta supostamente discorre sobre um alguém que estaria a sua disposição, mas que não é de sua preferência e, mesmo assim, a solução é aceitar esse alguém, já que, aparentemente, esta seria sua única opção.

Como uma composição de cunho humorístico, a interdiscursividade força um vínculo inesperado de equivalência entre os sentidos gerados pelo discurso de caráter popular, linguisticamente expresso na forma de conversa cotidiana, e pelo discurso literário, com a citação de um poema do século XVI que ainda circula principalmente no meio acadêmico.

No geral, essa linhagem de memes possui uma frase de efeito que a regulariza (*mas não podemos publicar isso*), a qual é sempre sucedida pela apropriação de uma frase escrita por um autor específico e renomado, o que ocasiona a desconstrução de sua autoridade sobre os possíveis sentidos do enunciado ali transposto. Marcus Bastos (2004, p.282) denomina essa apropriação como fruto da cultura de reciclagem que, acentuada pelas mídias digitais, permite a recuperação de elementos já produzidos para serem reutilizados nos mais variados contextos. Nesse caso, há como uma simulação de que Camões tivesse tido uma ajuda externa para escrever um dos sonetos mais conhecidos da língua portuguesa, mesmo que essa outra autoria nunca tenha sido reconhecida.

Parte do texto escrito que acompanha a postagem demonstra que a criação do meme foi sugerida por um seguidor da página através do recurso de comunicação privada do Facebook, conhecido popularmente como *inbox*. Isso mostra como a estrutura das redes sociais e suas ferramentas proporcionam a relação entre usuários para a produção, registro e compartilhamento de conteúdo. Boyd (2011, p.41) utiliza o termo “networked publics” para definir esse tipo de público – pessoas como membros ativos de uma comunidade imaginária – que é reestruturado pelas tecnologias de interatividade, as quais modificam o acesso à informação em um espaço definido pela coletividade.

O recorte apresentado abaixo também dialoga com uma autoria consagrada:

### Recorte 3



**Figura 3:** <<https://www.facebook.com/9gag/photos/a.109041001839/10159311321496840/?type=3&theater>> Acesso em 29/08/ 2019.

9GAG é uma plataforma online de entretenimento fundada em 2008 por estudantes da Universidade de Hong Kong. É uma marca mundialmente reconhecida pelo compartilhamento de suas publicações através de outras redes sociais, como o Facebook e o Instagram. O nome 9GAG significa “piada ruim” ou “bad joke”, em inglês, e faz referência à gíria cantonesa 爛 *gag*, a partir da aproximação fonética entre a pronúncia do número 9 na língua inglesa. Essa página do Facebook é dedicada principalmente à publicação de memes dos mais variados.

A frase utilizada na construção do meme em análise, *Thunderbolt and lightning very very frightening me*, foi apropriada de um verso da música *Bohemian Rhapsody*, escrita entre 1968 e 1975 por Freddie Mercury, sendo até hoje uma das mais famosas composições da banda britânica *Queen*. Na sequência musical desse verso ocorre uma repetição do nome “Galileo”, mas sem nenhum complemento textual que pudesse ser relacionado diretamente às ciências ou ao cientista mencionado.

Além de ser a figura utilizada no meme, Galileu Galilei (1564 – 1642) foi físico, matemático, astrônomo e considerado figura principal da revolução científica no século XVII, quando foi perseguido e julgado pela Inquisição ao desenvolver o modelo teórico heliocêntrico, que confirmava que o Sol é o centro do sistema solar, oposto ao modelo geocêntrico, até então aceito pela Igreja Católica. Segundo Pablo Mariconda (2001, p.51), além de atuar como cientista, Galileu apresentou nessas seções inquisitoriais argumentos inovadores que se fundamentavam na defesa sobre o direito de investigação das disciplinas científicas e matemáticas, independentes da teologia eclesiástica.

No período em que ocorreu essa revolução científica, entre os séculos XVI e XVIII, Foucault (2001, p.276) afirma que o discurso científico passou a ser aceito como uma verdade sempre demonstrável e não vinculada ao indivíduo que a produziu. Ainda assim, existe um reconhecimento histórico dos cientistas como figuras precursoras na construção do conhecimento científico.

A questão é que Galileu teve suas ideias censuradas e segregadas porque elas não correspondiam à ordem estabelecida pela igreja católica, que era uma instituição de poder. Foucault (1999, p.10) encara essa rejeição externa como um dos princípios de exclusão do discurso, pelos quais ocorrem as proibições de fala, a oposição entre razão e loucura, a separação entre discurso verdadeiro e falso.

Sendo assim, o processo de significação do meme acontece a partir da proposta para a construção de uma verdade sobre a autoria da frase que, quando colocada em cheque, é eventualmente reconhecida como a transformação de um verso musical em uma premissa científica de Galileu. Seu caráter humorístico, assim como os outros memes analisados, está apoiado na interdiscursividade, nesse caso, entre o discurso musical, com um texto que circula popularmente no gênero canção, e o científico, a partir da apresentação de uma figura presente principalmente no meio acadêmico.

## 2. Textos marcados por autorias múltiplas e (in)visíveis

Os recortes a seguir apresentam publicações marcadas por nomes explícitos e implícitos de autores que funcionam, em maior ou em menor grau, para a circulação dos textos destacados abaixo.

### Recorte 4



**Brna Lombardi**  
· 4 de setembro de 2017 · Editado

Não existe situação que não se transforme. Encare qualquer obstáculo como uma passagem para um momento melhor.  
Atravesse os desafios sabendo que tudo serve pra gente crescer.  
Um beijo,  
Bruna.

2,8 mil reações  
114 comentários  
974 compartilhamentos

Curtir Comentar Compartilhar

**Figura 4:** <[https://www.facebook.com/pg/brunalombardioficial/posts/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/brunalombardioficial/posts/?ref=page_internal)> Acesso em: 10/09/2019.

A postagem (Figura 4) foi feita pela página no Facebook da atriz, escritora e roteirista Bruna Lombardi, no dia 4 de setembro de 2017, e a imagem que a integra consiste em uma citação supostamente escrita por Fernando Pessoa (1888 – 1935), cercada por um conjunto de pedras.

No entanto, a frase ali exposta, *Pedras no caminho? Eu guardo todas. Um dia construirei um castelo*, foi escrita e registrada pela primeira vez no dia 2 de janeiro de 2003, em um blog chamado “Por um punhado de pixels”, criado pelo autor e blogueiro que responde pela alcunha de Nemo Nox<sup>2</sup>. Sendo assim, a frase certamente não foi escrita por Fernando Pessoa.

Segundo Nox, passaram-se três anos de sua publicação no blog e a frase ainda circulava digitalmente, mas sob outras formas e atribuições. O enunciado chegou a ser apropriado e incorporado a um texto do escritor brasileiro Augusto Cury como resultado de um processo de hibridização digital, cuja autoria final também foi atribuída a Fernando Pessoa. O blogueiro ainda relata que começou a receber pedidos por e-mail para que ele confirmasse a sua própria autoria sobre a frase e fosse resolvida de uma vez por todas a questão. Sendo assim, no dia 31 de março de 2006, Nemo Nox postou em seu blog um esclarecimento um tanto bem-humorado sobre o assunto e concluiu que “[a]s frases estão soltas por aí, não vou brigar por elas, quem quiser dizer que são do Pessoa, do Veríssimo ou do Jabor, fique à vontade. Atribuições incorretas? Eu guardo todas. Um dia vou escrever uma tese” (NOX, 2006).

Em vista de tais acontecimentos discursivos, a publicação em análise pode ser interpretada como um jogo entre três nomes que operam autorias distintas: Bruna Lombardi, Fernando Pessoa e Nemo Nox.

Na perspectiva sociológica de Bordieu (2006, p.187), “o nome próprio é o atestado visível da identidade do seu portador através dos tempos e dos espaços sociais”. Sendo assim, ele é individual e socialmente constituído, pois não veicula nenhuma informação sobre aquilo que nomeia. Para Foucault (2001, p.272), o nome de um autor funciona e apresenta os mesmos problemas de um nome próprio, já que ambos se relacionam a uma ligação específica feita nos campos da descrição e da designação. Mas muito mais do que uma instituição civil, o nome do autor é característico e caracterizado, no discurso, a partir de sua singularidade e funciona como um modo de existência, o que permite a circulação de certos discursos dentro de uma sociedade (FOUCAULT, 2001, p.274).

A atribuição feita por Bruna Lombardi a Pessoa invisibiliza a função-autor de Nemo Nox sobre o enunciado, mesmo ele sendo escritor de um gênero discursivo (blog) próprio do mundo digital. Do outro lado, como cânone da literatura portuguesa e mundial, Fernando Pessoa foi contemporâneo de uma época em que o suporte da escrita era exclusivamente o papel, mas isso claramente não impede a vinculação de seu nome a publicações derivadas do digital.

Segundo Landow (2006, p.128), quando uma textualidade se configura em rede (hipertexto), a noção de autoria individual é destruída pela remoção da autonomia de um texto e pela possível expansão de seus limites. Sendo assim, as

---

<sup>2</sup> Nemo Nox criou seu primeiro blog em março de 1998, sob o nome “Diário de MetrÓpole”, e se transformou em uma referência por ter sido o primeiro blogueiro no Brasil a escrever em língua portuguesa. Disponível em: <http://www.nemonox.com/> Acesso em: 20/04/2020

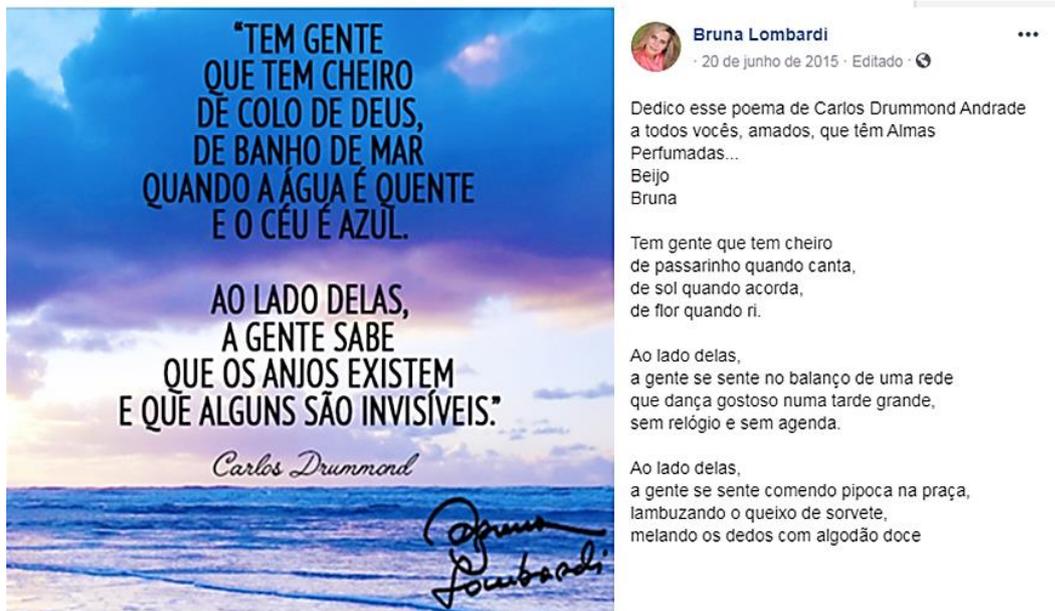
relações construídas em redes digitais são mais complexas, pois dão mais liberdade aos seus usuários. Essa desapropriação do texto transforma o nome em algo substituível, como em segundo plano, ou até dispensável. Porém, quando marcado, ele exerce a função-autor, em menor ou em maior grau, de acordo com as possibilidades e a influência que as autorias em jogo se configuram e são configuradas nos discursos das redes sociais.

Por sua vez, Bruna Lombardi se apresenta como escritora e utiliza sua página na plataforma Facebook (de onde os recortes 4, 5 e 6 foram extraídos) para se comunicar com seus seguidores, numa relação de suposta proximidade, à base de mensagens que são sempre bem avaliadas e respondidas na seção de comentários, como pode ser observado no recorte 6.

A publicação em análise ainda traz como legenda um texto que pode ser identificado dentro do gênero discursivo de autoajuda, visto que ele é composto por conselhos e incentivos, além de sugerir ao leitor uma reflexão sobre o modo de lidar com problemas pessoais. Além disso, o Facebook de Bruna Lombardi também é composto por imagens e frases que se acomodam no discurso feminista, como a frase “Juntas somos mais fortes”, que aparece como um mote de sua página.

Outro elemento que caracteriza uma regularidade nas publicações da escritora é a tentativa de destacar seu próprio nome através da inscrição de sua assinatura sobre as imagens que compartilha, como também é possível notar nos recortes aqui apresentados. Segundo Pêcheux (2008, p.33), o sujeito pragmático se define por sua “imperiosa necessidade de homogeneidade lógica”. Na discursividade das redes sociais, toda vez que a assinatura de Bruna Lombardi é posicionada logo abaixo da citação de outro autor, seu nome fica registrado e vinculado à publicação como fonte de informação e autoridade mediadora de seu conteúdo – a menos que alguém edite e remova digitalmente essa marca –, o que escapa das características de um hipertexto, pois configura uma tentativa de controlar o discurso ao centralizá-lo a partir da função-autor.

## Recorte 5



**Figura 5** <<https://www.facebook.com/brunalombardioficial/photos/a.214495601896328/1017035271642353/?type=3&theater>> Acesso em 10/09/2019

Na publicação destacada no recorte representado pela figura 5, o trecho de um texto na forma de poema é colocado sobre a imagem de uma paisagem praiana e é seguido pelo nome de Carlos Drummond, em escrita cursiva. Na legenda, Bruna Lombardi dedica o poema aos seus “amados” seguidores e ainda cita o título, “Almas Perfumadas”, o qual não aparece na imagem compartilhada; mas, logo ao lado, disponibiliza o texto na íntegra, na estrutura de versos poéticos.

Contudo, esse texto foi escrito por Ana Claudia Saldanha Jácomo e teve sua publicação inédita no digital através de um espaço para novos escritores, no site *Releituras*<sup>3</sup>. Sob o título “Almas Perfumadas”, o texto corresponde a uma prosa poética dedicada à avó da autora (“Para minha avó Edith”). Ana Jácomo é carioca, jornalista e ainda atua digitalmente como escritora através da sua página no Facebook, onde publica reflexões cotidianas que alcançam um público considerável – mais de 16 mil seguidores.

Ao analisar as características da publicação de Lombardi, é possível destacar o fenômeno da intertextualidade, que ocorre a partir da recuperação da prosa de Ana Jácomo para transformá-la em uma estrutura textual que se assemelha à poética de Drummond. Além da modificação no estilo e gênero do texto, o processo ainda oculta a autoria de Jácomo, o que provoca uma sobrevida à poesia, ainda que à custa da invisibilização de Jácomo, através da função-autor exercida pelo nome de Carlos Drummond de Andrade (1802 – 1987), que se refere a um dos poetas brasileiros mais influentes do século XX.

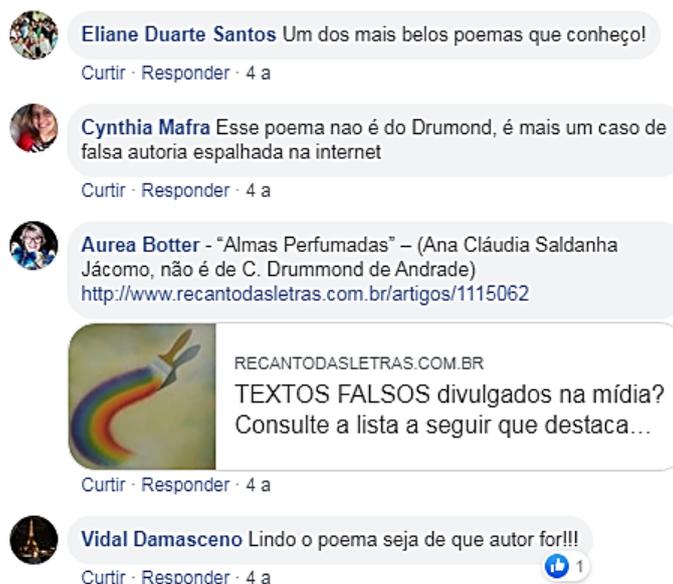
Atualmente, Bruna Lombardi possui mais de 2,5 milhões de seguidores no Facebook e, visto que suas publicações acumulam centenas de

<sup>3</sup> O site *Releituras* foi criado no final dos anos 90, por Arnaldo Nogueira Júnior, e desde então publica textos de diversos autores.

comentários, compartilhamentos e reações, sua página é destacável pela alta escalabilidade. Danah Boyd (2011, p. 48) afirma que apenas uma parcela dos usuários de uma rede social alcança um grande público, enquanto a maioria recebe uma atenção mais localizada. Sendo assim, a visibilidade nesses espaços digitais não é garantida, pois o que deve ser amplificado é definido por uma escolha relativamente coletiva, mas que ainda é dependente do acaso.

Segundo Foucault (1999, p.29), essa dimensão do acaso no discurso é limitada por um jogo de identidades a partir do comentário e do autor. O comentário tem como função “dizer *enfim* o que estava articulado silenciosamente no *texto primeiro*” (grifos nossos)(1999, p.25), nas formas da repetição e do mesmo, enquanto o princípio do autor limita o discurso a partir da posição que lhe cabe, segundo a perspectiva de sua época e pela sua própria articulação, nas formas da individualidade e do eu. Dessa forma, a disseminação do texto de Jácomo acontece nas redes sem que a autora tenha controle sobre essa disseminação e seus efeitos, resultado do funcionamento do discurso rizomático nas redes sociais, em que o imprevisto emerge.

## Recorte 6



**Figura 6:** <<https://www.facebook.com/brunalombardioficial/photos/a.214495601896328/1017035271642353/?type=3&theater>> Acesso em 10/09/2019.

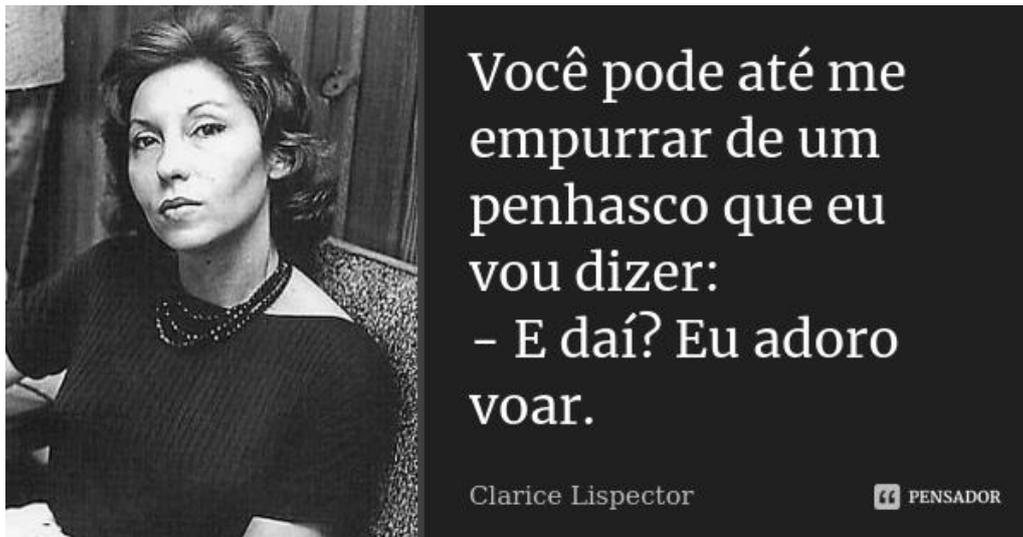
Como é possível notar no recorte apresentado como Figura 6, quatro dos comentários referentes à publicação trazida no recorte anterior mostram diferentes perspectivas que, de certa maneira, se complementam progressivamente: o comentário de Eliane Duarte Santos (1) consiste em um elogio hiperbólico ao poema, mas não questiona sua autoria, enquanto o de Cynthia Mafra (2) já reconhece o texto como não sendo de Drummond. Logo em seguida, Aurea Botter (3) adiciona um link do site *Recanto das Letras*, pelo qual é possível acessar uma lista geral para a verificação de autorias contestáveis de diversos textos que circulam digitalmente, dentre os quais se encontra o título *Almas Perfumadas*, atribuído à Ana

Jácomo, que, segundo a lista, geralmente circula sob a autoria de Drummond. Finalmente, o comentário de Vidal Damasceno (4) conclui que o valor do poema em questão independe de seu autor.

O conjunto de comentários acima ilustra a multiplicação dos efeitos de sentido a partir de um enunciado, o que demonstra a impossibilidade do processo de significação estar sob o total controle do enunciador. Também é notável que a atribuição de um texto a uma autoria outra incomoda parte dos usuários na posição de leitores, que logo se manifestam sobre a questão ou até buscam por uma fonte que tente comprovar e reativar a função-autor tomada por eles como verdadeira ou correta. Entretanto, quase sempre a maioria deles não é surpreendida por essa troca de nomes, pois, sendo o Facebook um espaço que favorece a intensa disseminação de textos, não é simples reconhecer e localizar esse tipo de ocorrência se esse não for um objetivo específico do usuário.

Os recortes abaixo, apresentados pelas Figuras 7 e 8, são aqui introduzidos à discussão, pois, mesmo que não façam parte do *corpus* inicial, visto que não foram extraídos do Facebook, eles também são compartilhados na rede social e podem ser utilizados aqui a favor do desenvolvimento analítico por associação intertextual e interdiscursiva aos outros recortes.

### Recorte 7



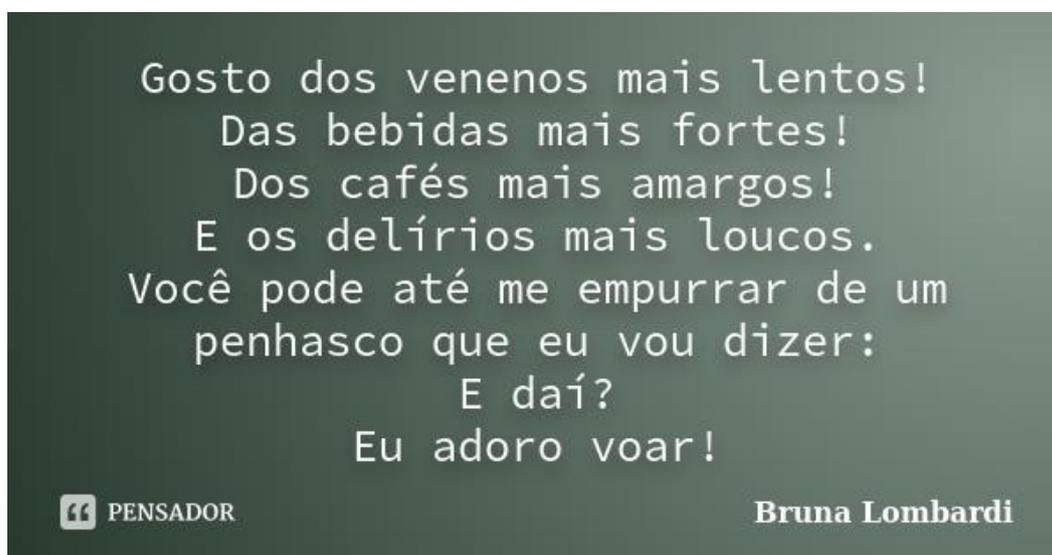
**Figura 7:** <<https://www.pensador.com/frase/NTQ10DUz/>> Acesso em: 13/04/2020.

A imagem em questão consiste em um texto supostamente escrito por Clarice Lispector e que está disposto ao lado de uma foto em preto e branco da escritora. Como publicação, ela foi retirada do site *O Pensador*, um espaço digital que reúne frases de diversos autores renomados, mas que também concede a qualquer usuário a oportunidade de publicar ali seus próprios “pensamentos”. Sob o slogan “mais de 1 milhão de frases e pensamentos para compartilhar”, é destacável na funcionalidade desse site o seu vínculo com algumas redes sociais – Facebook,

WhatsApp, Twitter e Pinterest –, o que permite e até estimula o compartilhamento das citações no meio digital. Para classificar os autores mais acessados do site, *O Pensador* ainda dispõe de um ranking periódico, no qual Clarice Lispector sempre se encontra no topo. De fato, a autora é uma referência para citações no digital.

No entanto, o texto da figura trazida para a análise se trata de uma reformulação dos versos que concluem o poema “Alta Tensão”, escrito por Bruna Lombardi e publicado pela primeira vez em 1984, no livro *O Perigo do Dragão*. Ambigualmente, esse poema também está disponível no site *O Pensador* sob a autoria de Lombardi (Figura 8).

### Recorte 8



**Figura 8:** <<https://www.pensador.com/frase/MjY4MTIy/>> Acesso em: 13/04/2020.

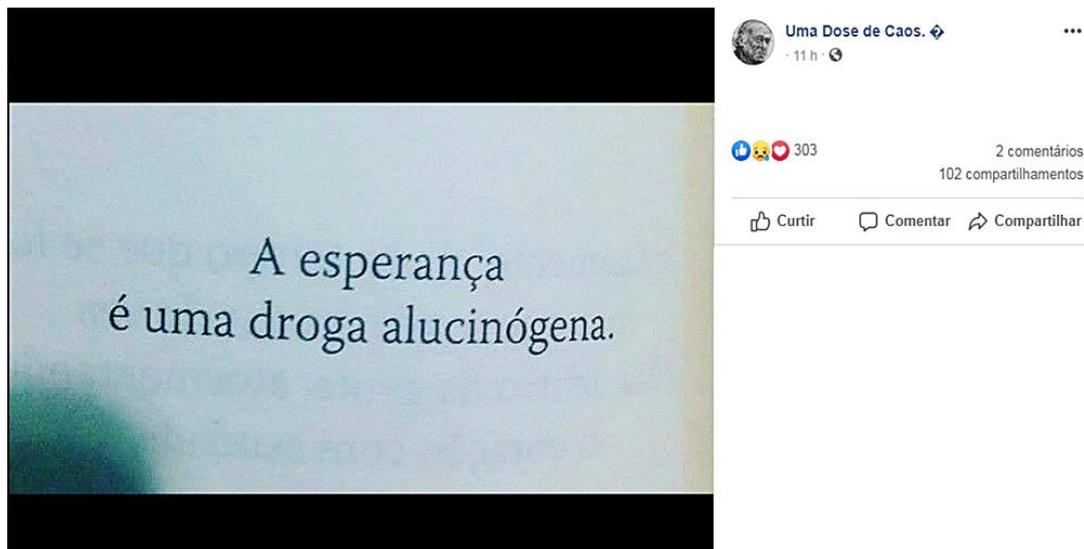
Sendo assim, é possível afirmar que alguns textos tendem a circular no digital por autorias múltiplas e essa é uma peculiaridade ampliada pela concessão de espaço e recursos de produção a usuários diversos e indeterminados que se conectam em rede. Ainda é importante notar que todos os autores inseridos nesse meio digital estão sujeitos a terem seus textos apropriados de alguma forma, direta ou indiretamente, mas isso é mais notável quando são envolvidas autorias renomadas e, na maioria das vezes, relacionadas à produção de textos literários, mesmo que apropriados de outros suportes de escrita.

### 3. A circulação de textos sem autoria mostrada<sup>4</sup>

<sup>4</sup>Faz-se aqui uma referência ao conceito de heterogeneidade mostrada, desenvolvido por Jacqueline Authier-Revuz (2004), que compreende as marcas linguísticas do discurso do outro de forma explícita nos enunciados.

Os recortes abaixo apresentam textos que não acompanham o nome de seus autores, mas, ainda assim, se propagam no digital.

### Recorte 9



**Figura 9:** <<https://www.facebook.com/2035184400144582/photos/a.2071406939855661/2366922326970786/?type=3&theater>>Acesso em 18/11/2019.

A imagem acima, que, por sua sombra e pelo layout do texto, parece simular uma página de livro, foi compartilhada no Facebook “Uma dose de caos” e mostra a frase *A esperança é uma droga alucinógena*. Sua publicação, porém, não é acompanhada por informações sobre a obra em que o texto está inserido, nem sobre sua autoria. Embora pareça ser impraticável localizar exatamente a obra de onde foi retirada, a frase da imagem é marcada e tem circulado digitalmente pela autoria do escritor brasileiro Rubem Alves, sendo inclusive registrada no site oficial do Instituto Rubem Alves como parte de seu acervo.

Quanto à página “Uma dose de caos”, ela se constitui de publicações diárias feitas a partir de recortes nas áreas do cinema, da música, da literatura e de manifestações artísticas em geral. Além disso, é utilizado como foto de perfil um desenho do poeta estadunidense Charles Bukowski, talvez para sugerir interpretações em relação ao conteúdo da página que, aparentemente, é baseado na metafísica do ser humano e sua desordem. O nome – *uma dose de caos* – também pode ser considerado um elemento de caracterização sobre o conteúdo das postagens feitas pela página, como é possível destacar a partir da publicação em análise. Na frase da Figura 9, a “*esperança*” é classificada como uma “*droga alucinógena*”, o que faz emergir um efeito de sentido que compreende esse sentimento como um agente desencadeador do *caos*, tendo em vista que as palavras

“droga” e “dose” fazem parte do mesmo campo lexical, na mesma medida em que “alucinógena” e “caos” podem ser aproximadas semanticamente.

A omissão de autores também é um elemento regular nas publicações da página, como também é possível notar no próximo recorte.

### Recorte 10



**Figura 10:** <<https://www.facebook.com/2035184400144582/photos/a.2071406939855661/2365047243824961/?type=3&theater>> Acesso em: 13/04/2020.

O recorte colocado como Figura 10 mostra outra publicação de “Uma dose de caos” no Facebook, a qual novamente apresenta uma imagem que simula a página de um livro onde está registrado um texto sem marcas de autoria. O trecho *Eu julgava que te conhecia/quando apenas te amava* segue sob o título “O ETERNO ÊRRO” e, em uma busca rápida na internet, é possível identificar outros registros desse mesmo texto sob a autoria do poeta brasileiro J. G. Araújo Jorge (1914 – 1987).

Como escritor, ele teve grande reconhecimento em sua época, mas se destacou principalmente na atividade política, provável motivo pelo qual foi esquecido pela crítica literária e marginalizado na história da poesia brasileira. Diante desse apagamento, o acesso às obras desse autor é muito limitado e os poemas que circulam digitalmente quase sempre são textos avulsos e, por vezes, sem reconhecimento autoral.

Segundo Giorgio Agamben (2007, p.49), a autoria de um texto é um gesto caracterizado por uma dualidade um tanto paradoxal, pois ele afirma a necessidade de um autor, ao mesmo tempo em que nega a sua identidade. Essa gestualidade ilegível do autor instaura um vazio e esse “lugar que ficou vazio é o que torna possível a leitura” (AGAMBEN, 2007, p.55). Para Foucault (2001, p.273), o nome do autor carrega uma identidade que “assegura uma função classificatória”, pois delimita e recorta os textos em um conjunto, como um princípio de agrupamento, que define o status de um discurso numa sociedade. No meio digital, quando um nome de autor é omitido, ocorre uma redefinição no modo de existência do texto,

pois o autor passa a se tornar desnecessário na medida em que a sua identidade é negada.

De acordo com Foucault (1999, p.26), o princípio do autor não é indispensável em todo discurso, muito menos constante – as conversas cotidianas, por exemplo, são logo apagadas, o que mostra certa irrelevância autoral. Mesmo que tudo permaneça registrado, uma rede social também se constitui pelo conteúdo caracteristicamente cotidiano de páginas e perfis que são logo esquecidos e substituídos por outros, em sequência cronológica e visualmente linear, mesmo que eles ainda possam ser recuperados a qualquer momento para circularem novamente.

Especialmente no Facebook, ainda é notável a participação ativa dos usuários como sujeitos na função-autor, de acordo com as possibilidades de interação e criação disponibilizadas nesse espaço digital.

Na seção de comentários da publicação em análise (Figura 10), a usuária Síria Cristina publicou: *Eu julgava que te conhecia quando apenas te idealizava*. A substituição da palavra “amava”, presente no texto da imagem, por “idealizava”, foi possível não só porque o texto existe livremente, sem vínculo autoral, mas também porque as ferramentas de interação acerca da postagem permitem a adição de conteúdo ao que já foi publicado. Bruns (2006, p.3) utiliza o neologismo *produser* para se referir a esse tipo de articulação criativa, na qual o papel do consumidor é inerente ao do produtor de conteúdo online. Nessa perspectiva, um usuário do Facebook pode se posicionar tanto como leitor quanto como autor através das tecnologias disponibilizadas pelo espaço digital em que se encontra.

## **CONCLUSÃO: A AUTORIA NO DIGITAL COMO UM PROCESSO CONSTITUTIVO DO SUJEITO**

O objetivo da pesquisa foi compreender e discutir a noção de autoria, bem como as posições do sujeito discursivo a partir da delimitação e análise de um *corpus* constituído por recortes discursivos da rede social Facebook ou que estavam vinculadas a ela.

A análise discursiva desses recortes foi feita a partir do projeto teórico-metodológico desenvolvido nos trabalhos de Pêcheux (2001), bem como pelas contribuições de Gregolin (2006) e Sargentini (2006) sobre os estudos do discurso. A partir dessa perspectiva, foi possível perceber que os acontecimentos discursivos no Facebook, como em qualquer outro espaço físico ou digital, provocam desdobramentos de sentido que não são totalmente previsíveis, pois se ramificam de acordo com as formações discursivas, ideológicas e sociais daqueles que interpretam e reagem aos textos.

Da mesma forma, as considerações de Foucault (2001) sobre a função-autor foram incorporadas à análise como centro de uma discussão de caráter interdisciplinar acerca da figura do autor e suas implicações. Assim, trabalhos desenvolvidos por teóricos como George Landow (2006), Danah Boyd (2011) e Lev Manovich (2004) direcionaram o desenvolvimento da pesquisa para a compreensão da autoria nas redes sociais e no digital como um processo amplo e complexo, o qual

se relaciona aos novos modos tecnológicos de produção, que transformam o sujeito e são transformados e apropriados por ele.

Nesse sentido, Bruns (2006) também contribuiu para a compreensão do futuro sobre a produção de conteúdo e o consumo de informação, que não funcionam mais pelo dualismo produtor/consumidor, mas pela dupla função do usuário em uma rede social, onde ele pode exercer a leitura e, concomitantemente, a autoria sobre um conteúdo disponível.

Portanto, o sujeito contemporâneo se constrói no digital a partir de sua expressão junto às tecnologias, exercendo nas redes sociais novas formas de autoria que estão articuladas fundamentalmente à desapropriação de textos, visto que esse espaço se caracteriza pela interatividade. Essa articulação leva a novos modos de ser sujeito na contemporaneidade e pensar a autoria no digital como um processo sempre em (re)construção, no qual a nomeação é reconfigurada e ressignificada constantemente nas redes sociais, junto às dimensões de tempo e espaço, as quais constituem diversos contextos de produção que se hibridizam no virtual-real.

---

## Referências

---

AGAMBEN, Giorgio. O autor como gesto. In Agamben, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 49-57.

ALIBERTI, Rosangela. Recanto das Letras. Disponível em: <[https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1115062?fbclid=IwAR2VYjQ9ENnE17Sh0kZAD0Dxscg4pO2-tjQCQBR0FdZxWrfv\\_yKzijmC8R0](https://www.recantodasletras.com.br/artigos/1115062?fbclid=IwAR2VYjQ9ENnE17Sh0kZAD0Dxscg4pO2-tjQCQBR0FdZxWrfv_yKzijmC8R0)> Acesso em: 09 de abril 2020.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade mostrada e heterogeneidade constitutiva: elementos para uma abordagem do outro no discurso. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012. p. 57-64.

BASTOS, Marcos. A cultura da reciclagem. In: BRASIL, André. et al. (orgs.) **Cultura em fluxo: novas mediações em rede**. BH: PUCMG, 2004. p. 282-293.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da história oral**. (8ª edição) Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191.

BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics and Implications. In: PAPACHARISSI, Zizi. **A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites**. New York: Routledge, 2011. cap. 2. p. 39-58.

BRUNS, Axel. **Towards Producers**: Futures for User-Led Content Production. 2006. Disponível em: <<https://eprints.qut.edu.au/4863/>>. Acesso em: 02 jun. 2020.

CHARTIER, R. **O que é um autor?** Revisão de uma genealogia. São Carlos: EdUFSCar, 2014.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. 9. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, M. O que é um autor? In **Ditos e Escritos III**: Estética – literatura e pintura, música e cinema. Rio de Janeiro : Forense Universitária, 2001. p. 264 - 298.

GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever - interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In NAVARRO, P. (org.) **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006. p. 19-34.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online Memes, Affinities, and Cultural Production. In: KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. **A new literacies samples**. New York: Peter Lang Publishing, 2007. p. 199-228.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Remix: the art and craft of endless hybridization. **Journal Of Adolescent & Adult Literacy**, Newark, USA, v. 52, n. 1, p. 22-33, set. 2008. Disponível em: <[https://elearning.psu.edu/drupal6/content/ae\\_d511/file/remix\\_article.pdf](https://elearning.psu.edu/drupal6/content/ae_d511/file/remix_article.pdf)> Acesso em: 15 mar. 2020.

LANDOW, George. P. Reconfiguring the Author. **Hypertext 3.0**: Critical Theory and New Media in an Era of Globalization. 3. ed. Baltimore, Maryland: The Johns Hopkins University Press, 2006. p. 125-143.

MANOVICH, Lee. Quem é o autor? – Sampleamento/mixagem/código aberto. In: BRASIL, André. et al. (orgs.) **Cultura em fluxo**: novas mediações em rede. BH: PUCMG, 2004. p. 248-263.

MARICONDA, Pablo; LACEY, Hugh. A águia e os estorninhos: Galileu e a autonomia da ciência. **Tempo social**, São Paulo, v. 13, n. 1, p. 49-65, maio, 2001. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702001000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702001000100005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 de abril de 2020. <https://doi.org/10.1590/S0103-20702001000100005>.

NOX, Nemo. Nemo nox. Por um punhado de pixels. 31 de mar. 2006. Disponível em:<[http://www.nemonox.com/ppp/archives/2006\\_03.html](http://www.nemonox.com/ppp/archives/2006_03.html)> Acesso em: 09 de abril de 2020.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 2008.

PÊCHEUX, Michel. A análise de discurso: três épocas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony (Org.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 311-319.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Arquivo e acontecimento: a construção do corpus discursivo em análise do discurso. In. NAVARRO, P. (Org.), **Estudos do texto e do discurso**: mapeando conceitos e métodos. São Carlos, SP: Claraluz, 2006. p. 35-44.

---

#### Para citar este artigo

---

TEIXEIRA, M. S.; ANDRADE, E. R. de. O sujeito nas redes sociais: uma análise discursiva da autoria. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 9, n. 4, 2020, p. 497-518.

---

#### Os Autores

---

MIGUEL SANCHES TEIXEIRA é Graduado no curso de Letras: Português/Inglês - Bacharelado (2020) pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas e bolsista CNPq de Iniciação Científica (2020).

ELIANE RIGHI DE ANDRADE é professora na graduação (Letras Bacharelado em Tradução e Revisão e Licenciatura Inglês/Português) e no mestrado interdisciplinar *Stricto sensu* (Linguagens, mídia e arte) da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, onde desenvolve pesquisa institucional em área Interdisciplinar, nas temáticas de discurso, subjetividade, identidade e memória. Possui Bacharelado em Letras Português e Inglês pela Universidade de São Paulo (1986); Licenciatura em Português e Inglês pela Universidade de São Paulo (1988); Especialização em Língua Inglesa pela USP (1999); Mestrado em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (2003) e Doutorado em Linguística Aplicada pela Unicamp (2008). Realizou estágio de Pós-doutoramento na Unicamp (2012).